

Ana e Joana

Maria Lúcia

Joana era tão velha que nem mais se sabia sua idade, mas o mais surpreendente é que ainda tinha mãe. Elas eram tão velhas que até brincávamos, dizendo que as duas eram remanescentes de um tempo muito distante.

Estavam sempre juntas e aos sábados costumavam sair pela cidade fazendo visitas e juntando doações de comida e roupas. Eram sempre bem - vindas acomodadas na sala de estar e servidas de um bom mate – doce. A mãe, no entanto tinha um objetivo maior em suas andanças, puxando pela mão sua filha tão velha quanto ela, dizia a todos sobre sua grande preocupação.

Avisava que estava envelhecendo e que a morte a espiava, que em breve deixaria este mundo e que não sabia o que seria de sua menina, pois esta ficaria só no mundo após a sua partida.

Joana tinha um visível atraso no desenvolvimento mental e um visual muito interessante. Muito vaidosa, pintava-se exageradamente, adorava baton, pó de arroz, rouge e as mais coloridas sombras, que passava sem nenhum cuidado sobre suas pálpebras já tão envelhecidas.

Seus vestidos eram rodados e coloridos como vestidos de menina, mas vez ou outra apresentava - se num traje que por certo causava admiração pelo requinte e bom gosto. Vestia uma saia justa e longa de cetim azul petróleo com uma bela blusa no mesmo tom e uma adorável camélia branca que lhe caia no peito e lhe conferia além de uma elegância impar, uma intensa ternura e um indecifrável sentimento de solidariedade.

Joana era muito especial! Embora muito idosa aparentava jovialidade e contentamento contagiantes, era livre de conceitos ou pré – conceitos, valores pré – estabelecidos ou condições. O seu olhar para a vida era desprovido de qualquer sentimento de maldade, hipocrisia ou o que fosse além do seu desejo e necessidade de atenção, presentes, doces,

sorrisos e afagos que lhe eram entregues com honestidade e doçura, como que em agradecimento a sua existência.

Sempre ao vê-la me sentia comovida e intrigada, e a cada vez que a via prometia a mim mesma ser mais feliz na manhã seguinte.

Como vinha anunciando, o dia da partida de Ana não demorou a chegar, Joana ficou só como bem sua mãe temia.

O mesmo ritual dos sábados foi mantido por Joana, ela percorria as casas e as pessoas a recebiam, enfeitavam, alimentavam e curavam.

E assim a eterna menina ia sobrevivendo a sua própria sorte. Num belo e ensolarado sábado Joana não apareceu como de costume, foram atrás dela e sua partida era eminente.

Joana foi encontrar – se com a mãe, partiu vestindo sua belíssima roupa azul petróleo com sua grande camélia branca pendurada no peito.

As mulheres da cidade numa homenagem muda e carinhosa acompanharam seu cortejo exageradamente pintadas e vestindo alegres vestidos de meninas.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/ana-e-joana>